

YALE DE FÁTIMA MEDEIROS NASCIMENTO

**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE
CIÊNCIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE PEDRO II**

YALE DE FÁTIMA MEDEIROS NASCIMENTO

**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE
CIÊNCIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE PEDRO II**

Monografia apresentada ao Instituto Federal do Piauí, como requisito de avaliação para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Mestre Marineide Rodrigues do Amorim

PEDRO II – PI
JANEIRO DE 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Nascimento, Yale de Fátima Medeiros
N244s Sexualidade na adolescência : dificuldades dos professores de ciências em escolas públicas e privadas no município de Pedro II / Yale de Fátima Medeiros Nascimento. - 2021.
43 f.: il. color.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Instituto Federal do Piauí, Campus Pedro II, 2021.
Orientadora : Profa. Ma. Marineide Rodrigues do Amorim.
1. Ensino de ciências. 2. Educação Sexual. 3. Adolescência . I. Título.

CDD - 570

Elaborado por Wirllanna Naira da Silva Torres CRB 3/1088

YALE DE FÁTIMA MEDEIROS NASCIMENTO

**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE
CIÊNCIAS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS DO MUNICÍPIO DE PEDRO II**

Monografia apresentada ao Instituto Federal do Piauí, como requisito de avaliação para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

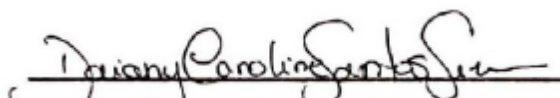
Orientadora: Prof^a Mestre Marineide Rodrigues do Amorim

Pedro II- PI, 04/03/2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Marineide Rodrigues Amorim
Orientadora



Profa. Ma. Daiany Caroline Santos Silva
Convidada



Sandra Mara Barbosa Rocha
Convidada

*Biologia só têm sentido se nos ajudar a ver o mundo melhor
e se nos mostrar que o conhecimento sobre tudo que é vivo
não está limitado no que é passível de fazer sentido.*

Maura Watan

Dedico esse trabalho a Deus por ofertar a mim o seu imenso amor. Dedico também a minha família, pois sem vocês me dando apoio e carinho nada disso seria possível. Aos meus amigos de turma, além de todos os outros amigos de vida que sempre me ajudaram, apoiaram, divertiram, enfim, pelo simples fato de compartilhar com eles todo meu esforço e toda a minha dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, de forma especial minha mãe e ao meu pai, pois sem vocês nada disso seria possível, agradeço pelo amor, carinho e generosidade com que conduziram meus passos.

Agradeço ao Instituto Federal do Piauí, campus Pedro II, por ter proporcionado experiência mais enriquecedora da minha vida como acadêmica e como futura bióloga.

E por fim, de forma especial, a querida professora Daiany Carolina Santos Silva, pois a escolha do meu tema se deu a partir de suas aulas, pois sempre foram um incentivo desde o começo. Minha gratidão aos professores, em especial minha orientadora Marineide Amorim e meus coorientadores Márcia Rúbia e Manuel Gonçalves, pois com eles eu tive universo de sabedorias, de conhecimentos e de oportunidades.

A todos vocês minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho abordará acerca das dificuldades dos professores de ciências nas escolas públicas e privadas do município de Pedro II. Dessa maneira, objetiva-se traçar o perfil dos professores de ciências de escolas públicas e privadas e suas principais dificuldades do ensino sobre a temática sexualidade na adolescência. Dentro dos aspectos metodológicos, realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de se fundamentar e embasar as análises e os resultados. Posteriormente, foram elaboradas 19 perguntas, todas relativas ao currículo de educação sexual, prática pedagógica e perfil de alunos, tudo voltado para a disciplina de ciências e aplicado a 13 professores de escolas públicas e privadas, por fim as respostas foram compiladas em gráficos e analisadas. Quanto aos resultados e discussões se verá que os professores de ciências, precisam estar capacitados e se sentindo aptos a trabalharem essas questões com os alunos, pois como já se sabe, a sexualidade é inerente ao ser humano, e sua abordagem reflete a própria essência da vida em seus campos mais completos. Assim, conclui-se que mesmo não sendo trabalhada e abordada como preveem os Parâmetros curriculares Nacionais, a educação sexual deve ser implantada e ultrapassar os conteúdos programáticos, sua abordagem deve ser ampla, completa e contextualizada com as demais áreas do ensino.

Palavras-chave: Ensino. Docentes. Sala de aula. Sexualidade.

ABSTRACT

The present work will address about the difficulties of science teachers in public and private schools in the city of Pedro II, thus, in a broad way, there will be an overview of how the theme, sexuality in adolescence, is worked in the classroom and how it is necessary to have trained teachers to develop transversal themes within the school curriculum. The work aims to outline the profile of science teachers from public and private schools and their main teaching difficulties on the topic of sexuality in adolescence. As well as, carry out a survey, through an online questionnaire to verify the main difficulties faced by science teachers from public and private schools on the discussion of sexuality in adolescence; make a comparative analysis of the data obtained through questionnaires with science teachers from public and private schools, in order to verify in which school scenario the sexuality theme presents greater difficulty of discussion, and propose methodological strategies to be applied for the teaching of the theme sex education in public and private schools. Within the methodological aspects, a bibliographic survey was carried out in order to base and base the analysis and results. Subsequently, 19 questions were elaborated, all related to the sexual education curriculum, pedagogical practice and student profile, all focused on the discipline of science and applied to 13 teachers from public and private schools, finally the answers were compiled in graphs and analyzed . Thus, it is concluded that even if not being worked on and addressed as provided by the National Curriculum Parameters, sex education must be implemented and go beyond the syllabus, its approach must be broad, complete and contextualized with the other areas of education.

Keywords: Sexuality in adolescence. Teachers. Sexual Education. Public schools..

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Contextualizando e compreendendo a sexualidade.....	13
2.1 Panorama histórico acerca da sexualidade	13
2.2 Sexualidade na Adolescência	15
2.3 Ensino de sexualidade nas escolas do Brasil.....	17
2.4 A importância da disciplina de ciências para o ensino da sexualidade.....	18
3 METODOLOGIA	20
3.1 Área de estudo e coleta de dados.....	20
3.2 Análise de Dados	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
5 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	42
ANEXOS.....	44

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de grande importância na vida do ser humano, pois é a transição da infância para a vida adulta. É uma fase na qual ocorrem várias mudanças tanto físicas como psicológicas. A parte física se caracteriza pela mudança corporal, enquanto na psicológica ocorre o aumento da capacidade intelectual e crítica. É uma fase cercada de muitos questionamentos e de busca constante de respostas (BRETAS et al., 2011).

Com as grandes mudanças físicas e psicológicas inerentes a essa fase, é necessário que os jovens recebam informações, tanto da família como da escola e assim possam se sentir acolhidos, seguros e compreendidos. No entanto, essa transmissão de informações nem sempre é uma tarefa fácil. Segundo Becker (2011), falar de sexualidade é um tabu que muitas pessoas ainda enfrentam, mas que deve ser tratado com naturalidade. Apesar de toda a modernidade, esse tema ainda possui pouca contextualização tanto a nível educacional quanto social, onde é abordado de forma superficial nas aulas de ciências.

Hoje sabe-se que falar de sexualidade é tão importante quanto falar de saúde, religião, cultura ou qualquer outro tema. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os adolescentes devem conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à saúde pessoal e coletiva.

A sexualidade é ainda algo muito delicado de se falar, principalmente pelos pais, pois estes não se sentem preparados para abordar o assunto por medo de gerar resultados negativos (QUEIROZ et al., 2017). Dentre esses resultados negativos que os pais acreditam possuir, está o medo de incentivar a criança ou adolescente a entrarem na vida sexual precocemente. Essa falta de diálogo com os familiares faz com que os adolescentes depositem seu aprendizado a nível escolar principalmente nas aulas de ciências (NOTHAFT, 2014).

Entre os assuntos abordados na disciplina de ciências sobre sexualidade tem-se: sistema reprodutor masculino, sistema reprodutor feminino, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. No entanto, alguns profissionais da educação como os docentes, sentem dificuldade em discutir esse tema em sala de

aula, o que causa um afastamento das relações entre professor e aluno, gerando uma série de problemas sociais (QUEIROZ et al., 2017).

De acordo com Barcelos e Jacobucci (2011), a temática da sexualidade tem se configurado como um desafio aos profissionais da educação por inúmeras questões que englobam as percepções dos professores sobre o assunto, a abordagem em sala de aula, a discussão de temas considerados tabus que conflitam com orientações religiosas e familiares, as diversidades, os preconceitos, dentre outras. A maioria dos docentes demonstram insegurança, despreparo e dificuldade ao trabalhar essa temática em sala de aula falando apenas superficialmente de temas que poderiam ser melhor discutidos e aprofundados.

No entanto, é de suma importância que o corpo docente aborde esse tema de forma aprofundada, contextualizada e interdisciplinar enfatizando questões observadas no âmbito social. Para que o aluno reelabore sua percepção anterior do mundo ao entrar em contato com a visão trazida, por meio dos conteúdos nos materiais didáticos, nas aulas expositivas, reflexivas e dialogadas. Mas para isso é necessário que a sociedade e a família criem um ambiente propício, acolhedor, motivador e que seja capaz de gerar segurança e um elo entre o professor e aluno (CAMPOS et al., 2012)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) o aprendizado se dá pela interação professor, estudantes e conhecimento, onde se estabelece um diálogo entre as ideias prévias dos estudantes e a visão científica atual, com a mediação do professor. Nesse processo o estudante reelabora sua percepção prévia do mundo ao entrar em contato com a visão trazida pelo conhecimento científico.

O ambiente escolar propicia um preparo contextualizado, entre a parte acadêmica e social dos discentes. Para a maioria dos alunos, os professores são vistos como um amigo que pode contribuir além dos conteúdos repassados, incentivando na formação de cidadãos críticos, seguros e que saibam exercer seu papel dentro da sociedade.

É perceptível que ao se abordar o tema sexualidade na escola e no âmbito familiar se desmistifica o preconceito a respeito dessa temática, bem como diminui os índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência e os conflitos familiares (MOREIRA, 2011). Diante disso, é necessário ampliar os estudos a respeito dessa temática e como ela deve ser abordada dentro da sala de aula e nas aulas de ciências, a fim de que os professores repassem o conteúdo com

segurança e propriedade e permita criar um elo com os alunos de tal maneira que estes possam ser capazes de tirar suas dúvidas.

Por ser um assunto delicado e difícil de ser abordado no contexto escolar e no seio familiar, pois gera muitas dúvidas e insegurança para a maioria dos professores, alunos e pais, o tema sexualidade deve ser amplamente discutido. A sociedade, as escolas e a família precisam ser sensibilizadas a fim de que criem um ambiente propício, acolhedor e motivador capaz de gerar segurança e que seja um elo entre professor e aluno (CAMPOS et al., 2012).

Diante do exposto surgem os seguintes questionamentos: Os professores estão preparados para abordar a temática sexualidade em sala de aula? As práticas metodológicas adotadas no ensino do tema sexualidade tem sido eficientes?

O trabalho tem por objetivo traçar o perfil dos professores de ciências de escolas públicas e privadas de Pedro II e suas principais dificuldades no ensino da temática sexualidade na adolescência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contextualizando e compreendendo a sexualidade

Segundo Michel Foucault (1984), um dos teóricos mais importantes quando se fala sobre o tema sexualidade, diz que a sexualidade não está atrelada apenas a excitações corporais, pois ela constitui o próprio o funcionamento da mentalidade psíquica e das relações sociais.

Lima Junior (2012, p.7) no seu livro *Sexualidade: um mapa em rascunho* diz que a sexualidade é um dispositivo de poder, em ação no Ocidente, cujas metas, entre outras, visa à instalação de táticas que reordenem as práticas e o pensamento sobre si próprio, objetivando a sua normalização. No entanto o preconceito, os conflitos, as faltas de informação fazem com que o tema sexualidade ainda seja um tabu a ser discutido no âmbito escolar, familiar e na sociedade.

De acordo com Foucault (1984, p.10), o ensino da educação sexual exige que se disponha de meios adequados para se analisar os três eixos constitutivos: “a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e a forma pela qual os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa educação.

Dessa maneira, conforme Foucault (1984), para se falar em educação sexual é necessário considerar *o saber, o poder e o sujeito*, pois só assim se podem revelar todos os sentidos que nela se encontram, sejam eles ocultos ou distorcidos. Por isso, é tão importante conceituar, debater e dialogar sobre a educação sexual, visto que é relevante para se refletir sobre formação física e psicológica, assim como, abordar as múltiplas de gênero, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e tantas outras temáticas fundamentais para formação do próprio ser.

2.1 Panorama histórico acerca da sexualidade

Ao analisar o debate sobre a temática da sexualidade, é possível observar, a presença de vários autores, como Foucault, Gagnon, Heilborn, Loyola, Luis Duarte, Giddens, Butler entre outros. Alguns desses autores trabalham sob a ótica da “normatividade sexual”, questão amplamente discutida, sobretudo com enfoques que dizem respeito à passagem das diferentes fases da sexualidade, chegando aos dias

atuais. Guizzo (2018) diz que as histórias da sexualidade e do sexo estão ligadas à evolução do homem e que o *Neandhertal* chegou a adquirir a prática de se cobrir para ter uma maior proteção do sol, do frio, além dos ataques de outros grupos ou de animais, já que tinham também a concepção de proteção dos órgãos sexuais, pois eram mais sensíveis que as outras partes do corpo e que os responsáveis pela perpetuação da espécie.

No período pré-histórico, conforme Guizzo (2018), a arqueologia mostra que o sexo estava no âmbito sagrado, exemplos disso são várias peças encontradas em vários sítios arqueológicos, e esses artefatos estão relacionadas a órgãos sexuais e aspectos de relações sexuais. Na Idade Antiga, os órgãos sexuais não tinham um caráter de obscenidade e era comum ficarem expostos em alguns países.

Para Sousa (2009), na antiguidade grega, o sexo e a sexualidade mostravam-se sempre mais centrada na figura do homem, atenuando a desigualdade dos companheiros, isso não estava presente somente no relacionamento entre homem e mulher, mas também nos relacionamentos entre os indivíduos do sexo masculino, nas relações homossexuais. Nas paredes de determinados ambientes particulares, por exemplo, surgiam imagens de guerra, captura e fuga.

Durante o mesmo período, (SOUSA, 2009), os casamentos, das famílias mais abastardas, eram arranjados e tinham intuito de gerar herdeiros e eram tidos como uma união política e um contrato comercial, já para as classes mais pobres o matrimônio funcionava como a junção de mais pessoas para conseguirem suportar a vida de árduo trabalho.

Veja o que Luiz Pereira de Sousa (2009, p. 48) diz:

O sexo sempre foi tratado como tabu e embutido de vários tipos de preconceitos principalmente incutidos na sociedade através do domínio da Igreja católica na idade média. Em nossos dias e em várias sociedades, palavras como “erótico” e “pornográfico” ainda carrega em si um resquício dos dogmas que nos foram ensinados a séculos atrás e culturalmente transmitidos de geração a geração.

Conforme a citação, pode-se perceber que durante o período da Idade Média, a influência e os preceitos da Igreja católica foi o que norteou todos os aspectos da temática, relacionando o sexo ao pecado, que dentro do casamento cristão o intuito fosse apenas à procriação e descendência familiar. Assim, se fugisse a isso era imoral

e pecado, o fato de sentir prazer então, já poderia ser motivo para condenação aos abismos mais profundos.

Sousa (2009) ainda diz que os orientais podiam ter várias mulheres, contudo que pudesse sustentá-las e este segundo casamento só poderia ser realizado mediante a autorização da primeira esposa. Nesta época, como os casamentos eram arranjados por motivos econômicos, os noivos quase nunca se encontravam antes do casamento.

Diante disso, viu-se que até meados do século XX a sexualidade e seus aspectos relativos à saúde e conhecimento do corpo sempre foram negligenciados, pois, a temática sempre teve uma visão patriarcal, desnecessária e tida como algo a ser mantida em segredo devida sua normativa e condução religiosa.

Nesse contexto, a partir da segunda metade do séc XX, algumas transformações voltadas para a sexualidade passaram a ter avanço, conforme Sousa (2009). De forma documental, a Declaração Universal (1948) a nível mundial foi a primeira a defender de forma ampla e irrestrita as liberdades individuais e coletivas, mas foi a partir do Plano de Ação do Cairo, após a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento-CIPD (1994), que o direito de se expressar e viver a própria sexualidade passou a ganhar mais espaço nos demais espaços e países.

E no Brasil não era diferente, segundo Sousa (2009) não havia uma grande preocupação em si trabalhar essa temática de forma, geral e contextualizada, nem em casa com as próprias famílias e muito menos na escola. Trazendo para a realidade nacional, a partir dos anos 1980, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento dos casos de gravidez indesejada e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os adolescentes.

2.2 Sexualidade na Adolescência

A adolescência é uma etapa fundamental do processo de crescimento, é um período de descobertas caracterizada pela integração social (SOARES et al., 2008). É uma fase que exige cuidados, pois é nessa etapa que o adolescente com o apoio da família se prepara para a vida adulta, através da sua capacitação para o mercado de trabalho e o convívio social (HEIBORN, 1998).

No entanto, apesar de longas discussões já existentes sobre a sexualidade dos jovens e a sua importância, ainda hoje esse tema causa conflitos. Quando pais, professores e até mesmo os profissionais da saúde não compreendem a importância dessa etapa da vida e suas necessidades, os adolescentes ficam mais susceptíveis a cometerem erros, a terem mais desafios e serem desinformados (GUIZZO, 2018).

Pode-se dizer que as temáticas de gênero e de sexualidade precisam estar presentes no cotidiano das escolas com o intuito de desmistificar estereótipos que reiteram determinadas posições como sendo “naturalmente” femininas ou masculinas. Nesse contexto, Guizzo (2018) explica que ao menino é ensinado que não basta nascer homem, ele tem que provar isso o tempo todo e, sobretudo, na frente de outros (as) jovens como, por exemplo, fingir que sabe tudo sobre sexo mesmo não sabendo, esconder seus medos e não falhar na hora H.

Essas imposições trazem aos adolescentes ansiedade e desconforto por não poder compartilhar seus medos e inseguranças com os parceiros, familiares. Essa situação pode ocasionar descuido da própria saúde, e também de sua (seu) parceira (o), deixando mais vulnerável a infectar-se pelas doenças sexualmente transmissíveis e pelo HIV/AIDS, conforme o Ministério da Saúde (2011).

Do mesmo modo, a sexualidade feminina nos remete a discussão das relações de gênero presentes na sociedade. Nesse contexto, conforme Guizzo (2018), infelizmente, a sociedade ainda fornece subsídios para que cada vez mais o gênero feminino fique submisso ao homem, fazendo com que as mulheres sejam reconhecidas como sexos frágeis e acabem aceitando tudo o que lhes é proposto, inclusive no que diz respeito a sexualidade. Isso lhe traz desafios, medos e incertezas, colaborando ainda mais no processo de desinformação quanto a sua própria saúde, sendo ela física e psicológica.

No mesmo sentido, para Guizzo (2018) ainda é possível verificar preconceitos acerca do desenvolvimento da sexualidade da mulher, exemplo disso é o tabu da masturbação feminina. Falta para muitas mulheres o conhecimento do próprio corpo e sobra vergonha para se atingir a independência do prazer, a busca pela satisfação e prazer sexual por vezes está muito longe de se consumir para muitas mulheres.

Conforme Foucault (1984), a sexualidade não está atrelada apenas a materialidade dos atos, ela é imprescindível na construção do próprio ser, da identidade, do gênero, da mente e de muitos outros aspectos. Dessa maneira, pode-

se observar que o conhecimento de si por meio da afloração da sexualidade é também uma construção identitária individual e coletiva para todas.

2.3 Ensino de sexualidade nas escolas do Brasil

Segundo o Ministério da Saúde (2011), a idade média de iniciação sexual dos brasileiros está em torno dos 15 anos de idade, justificando assim a necessidade de dar ênfase às ações de prevenção e promoção à saúde direcionadas à população adolescente e jovem e ao enfrentamento da vulnerabilidade à infecção pelo HIV, outras IST e a gravidez não planejada dos segmentos da população engajados na educação básica.

Nesse contexto, constatou-se a necessidade de discutir os aspectos da sexualidade no espaço escolar através dos temas transversais que se configuram na disciplina de ciências propondo uma prática educacional e assim contribuir nos aspectos social, político, ambiental e cidadã, objetivando o conhecimento e o trabalho educacional (QUIRINO et al., 2012).

Para Akkari e Santiago (2015) o grande desafio educacional é reconhecer os diferentes contextos culturais dos estudantes e a importância do currículo escolar, pois a seleção de conteúdos pode interferir nas relações gerando resultados positivos ou negativos. Para Santos (2019), os livros didáticos ainda são instrumentos de ensino bastante utilizados, mas os conteúdos presentes precisam de uma maior adequação e reformulação, abrangendo e contextualizando assuntos atuais.

Dessa forma as reflexões sobre gênero e sexualidade precisam ser viabilizadas deixando de ser tabu nas escolas (SOUSA et al., 2019). É de grande importância a formação continuada do educador pois assim ele consegue desenvolver e estimular no educando a construção do conhecimento. Essa formação ainda possibilita ao professor atualizar e conhecer o tema a ser trabalhado por meio da realidade dos seus alunos (WEIZENMANN et al., 2006).

É atribuído à escola o papel de desenvolver competências essenciais ao desenvolvimento pessoal e social dos adolescentes, já que constitui o meio em que permanecem grande parte do seu tempo (RODRIGUES et al., 2010). No entanto, a inclusão do tema educação sexual nas discussões das escolas ainda apresentam resistência, como por exemplo a minimização de problemas de saúde pública como o

aborto, gravidez na adolescência, ISTs e questões relacionadas, (QUIRINO et al., 2012).

Apesar de vivermos em um meio moderno onde assuntos envolvendo a sexualidade estão sendo abordados frequentemente pelas mídias, essa abordagem é ainda recente (PEREIRA et al., 2015). Para Figueredo e Barros (2014) é de grande importância abordar esse tema no âmbito escolar, visto que este é um lugar aberto para discussões e reflexões em que é manifestado curiosidades, dúvidas, sonhos e outras inquietações, uma vez que nas escolas convivem simultaneamente diversas culturas de acordo com: gerações, gênero, classe, etnia, capacidades físicas e mentais (BARBOSA et al., 2014). Toda essa diversidade propicia um ambiente acolhedor aos educandos influenciando uma educação mais libertadora e emancipatória (SOUSA et al., 2009).

2.4 A importância da disciplina de ciências para o ensino da sexualidade

Segundo Zancul [et. al] (2011) a palavra ciências tem origem do Latim *scientia*, que significa conhecimento, vem de *scire*, significa conhecer e saber. Assim, a ciência estuda a natureza e seus fenômenos em seus aspectos mais gerais. Analisa suas relações e propriedades, além de descrever e explicar a maior parte de suas consequências. Desse modo, é imprescindível e necessário que a ciência estude o homem, desde o estado biológico como o reflexo de seus atos.

É importante lembrar que no estudo de Ciências as pessoas se conhecem e aprendem sobre si mesmo, dos meios evolutivos, da diversidade e sobre a sustentação da vida. Em relação ao mundo físico se conhece e aprende sobre os recursos naturais, as fontes de energia e suas transformações, (ZANCUL et. al, 2011).

Nesse contexto, é fácil perceber que a ciência está diretamente correlacionada ao homem, as inovações e as relações dele com o meio. Portanto, acredita-se que a educação e a informação sobre si próprio são necessárias para se gerar pessoas conscientes sobre sua própria atuação frente aos outros e a natureza.

O ensino da educação sexual fica restrita as disciplinas de ciências, no ensino fundamental, e biologia no ensino médio (VIEIRA et al., 2017). Faz-se necessário que as demais áreas que integram o rol de disciplinas escolares abordem essas temáticas, pois essas questões vão além do aspecto biológico (HOMES et al., 2019). Portanto é

imprescindível a participação dos demais professores de outras áreas como também dos pais e até mesmo profissionais da área da saúde (CRUZ, et. al., 2016).

Por exemplo, dentro da disciplina de português, diversas obras literárias podem ser trabalhadas em sala de aula para mostrar problemas relacionados transgressão feminina, o que obviamente estão incluídas aqui o desenvolvimento da sexualidade dos personagens. No mesmo contexto, dentro da disciplina de história, é possível estudar aspectos de tempos e povos a partir de suas construções identitárias e sexuais, conforme os documentos e normas educacionais para cada nível de ensino.

Assim, é necessário que os professores tragam mais sugestões de programas voltados ao ensino de educação sexual, pois é na escola que o adolescente adquire conhecimentos, instruções e experiências (CUNHA, et. al., 2016). Compreende-se que a parceria escola-família-saúde seria uma das alternativas para se buscar “maneiras” de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa de pais e professores.

Nesse sentido, Behrens (1996) enfoca que necessariamente é preciso ter profissionais que acreditem que a educação é o principal caminho para transformação, e que além de uma primeira formação é preciso estar se atualizando em meio às transformações do contexto em que estamos inseridos. Os professores precisam estar conscientes de seu papel social e assim ajudar os discentes a entenderem a sociedade em que estão inseridos e suas adversidades, permitindo uma visão crítica dos problemas que vão surgindo ao longo da vida, ajudando-os a resolver conflitos que possam surgir em seu cotidiano, conforme Behrens (1996).

Contudo, é preciso haver uma transformação no espaço no qual se trabalha, exigindo conhecimentos e métodos viáveis no qual leve os discentes não apenas reproduzir, mas construir conhecimentos de forma crítica. Assim, se faz essencial estudar minuciosamente as principais razões para que tudo isso aconteça, assim como atualizar-se e melhorar sempre.

3 METODOLOGIA

3.1 Área de estudo e coleta de dados

A pesquisa foi aplicada a 13 professores de escolas públicas e privadas do município de Pedro II-PI. A coleta de dados ocorreu por meio de um link do aplicativo do Google Forms, entre os meses de novembro e dezembro de 2020. O questionário continha 19 questões, 7 delas eram destinadas ao conhecimento do profissional do professor, e as demais foram voltadas para o ensino de ciências e sobre a educação sexual.

A coleta de dados foi dividida em etapas. Na primeira etapa foi realizado um questionário online, por meio de um link, elaborado a partir do seguinte endereço eletrônico <https://docs.google.com/forms/u/0/>, logo após foi disponibilizado aos professores de ciências das escolas privadas e públicas do município de Pedro II e ficou aberto para respostas por um tempo médio de 30 dias e não tinha um limite de tempo para responder cada questão, isso possibilitou uma maior reflexão sobre as perguntas e respostas para quem o respondia.

O questionário continha 19 questões objetivas que abordavam de um modo geral as seguintes diretrizes como: o preparo e segurança em falar sobre o tema, como é a relação escola, aluno e família, escola e professores em relação a abordagem desse tema. As perguntas obedeciam a uma numeração ordinal e após a sua respectiva resolução o entrevistado era direcionado automaticamente para a próxima questão.

O estudo foi desenvolvido com professores em início de carreira e com professores em término de carreira, com idades a partir de 25 anos até com pouco mais de 50 anos de idade, todos atuantes em escolas públicas ou privadas do município de Pedro II. A quantidade de professores e as escolas selecionadas podem ser visualizadas na tabela 1:

Instituição escolar	Professor (a)	
	Privada	Pública
Colégio Objetivo	X	
Escola Madre Rosa	X	
CEEP Angelina Mendes Braga		X
Escola Estadual Tertuliano Brandão Filho		X

Escola Família Agrícola Santa Ângela		X
Escola Municipal Inês Passos Galvão		X
Escola Municipal Canto da Várzea		X
Escola Municipal Monsenhor Lotário Weber		X
Escola Municipal Expedito Pinheiro dos Santos		X
Escola Municipal Manoel Nogueira Lima		X
Escola Municipal Milton Brandão		X
Escola Municipal dos Tucuns		X
Escola Municipal José Teixeira Santos		X

Organizando da seguinte forma no âmbito privado: 1 professor do Colégio Objetivo e 1 professora da Escola Madre Rosa. E com a seguinte organização no âmbito público: 1 professor do CEEP Angelina Mendes Braga, 1 professor da Escola Estadual Tertuliano Brandão Filho, 1 professora da Escola Família Agrícola Santa Ângela, 1 professora da Escola Municipal Inês Passos Galvão, 1 professora Escola Municipal Canto da Várzea, 1 professora da Escola Municipal Monsenhor Lotário Weber, 1 professora da Escola Municipal Expedito Pinheiro dos Santos, 1 professora da Escola Municipal Manoel Nogueira Lima, 1 professora da Escola Municipal Milton Brandão, 1 da Escola Municipal dos Tucuns e 1 professora da Escola Municipal José Teixeira Santos.

3.2 Análise de Dados

Após a realização das etapas, os dados coletados foram analisados por meio de gráficos, onde verificou-se quais as principais dificuldades que professores das escolas públicas e privadas do município de Pedro II enfrentam ao abordar o tema sexualidade. Na análise de dados foi levado em consideração alguns parâmetros como sexo (masculino X feminino) pois serão respostas em que ambos podem pensar diferente, como também idade e tempo de experiência pois apresentam nível de conhecimento e opiniões diferentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do questionário aplicado a primeira pergunta foi relativa à idade dos professores de ciências no ensino fundamental maior (figura 1). Dentre os treze professores entrevistados, verificou-se que 70% dos docentes têm idade entre 25 e 40 anos, em segundo lugar, com 15%, dentre as faixas etárias estão os professores com idade acima de 50 anos, e com a porcentagem de aproximadamente 8% estão os docentes com menos de 25 anos de idade e os docentes com menos de 25 anos, com a mesma média aproximada de 8% dos entrevistados.

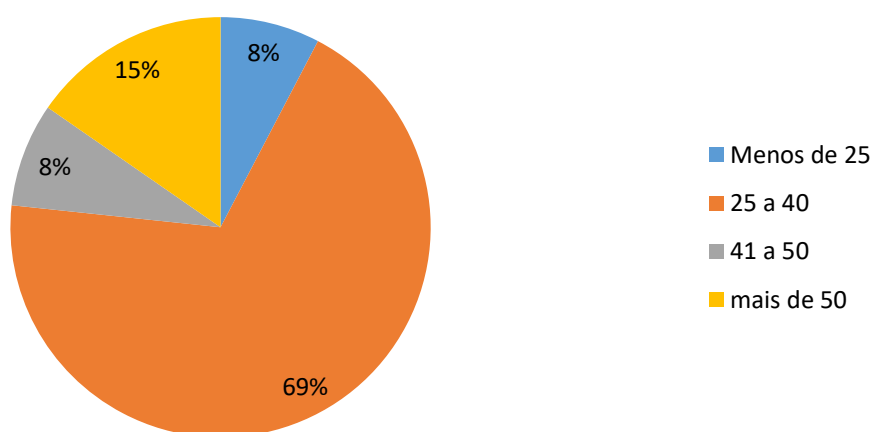


Figura 1 - Faixa etária dos professores de ciências de escolas privadas e públicas do município de Pedro II

Dentre os dados apresentados, observou-se que todos os professores com mais 41 anos de idade são da rede pública e do âmbito municipal de ensino. Do mesmo modo os mais jovens estão na rede privada e na rede estadual. Tendo em vista que a temática está relacionada diretamente ao jovem público estudantil, traçar essa relação é relevante tendo em vista que o professor jovem, frequentemente, é aquele que dinamiza mais nas aulas, interage com seus alunos e faz uso maior das Tecnologias da Informação e Comunicação, métodos e didáticas importantes que podem ser aplicadas para se trabalhar a educação sexual em sala de aula.

A figura 2 apresenta dados relativos quanto ao sexo dos professores entrevistados. A partir das informações fornecidas pelos próprios docentes, foi possível verificar que 77% deles são do sexo feminino e apenas 23% do sexo masculino. Saber o sexo dos professores é relevante, pois se ajuda a criar um perfil

desses profissionais, mas para o critério da educação sexual na sala de aula não se encontrou estudos que tratam de uma melhor didática em detrimento de ser homem ou mulher.

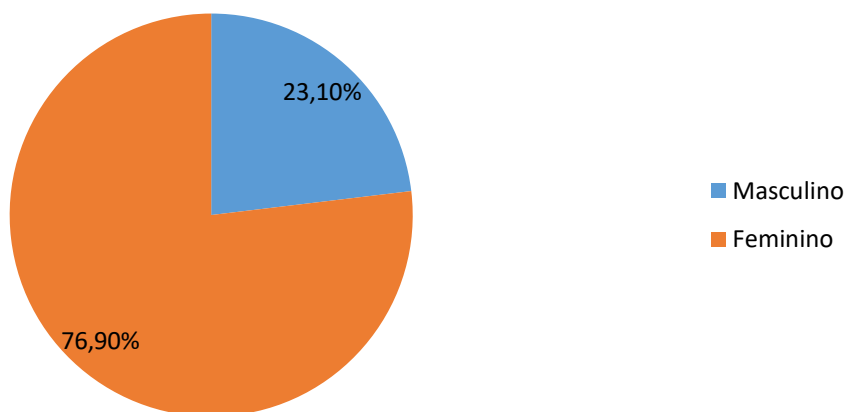


Figura 2: Perfil profissional (sexo)

O que se sabe, conforme Martins (2008), é que o professor deve se despojar de seus valores e criar em sua sala de aula um ambiente de discussão e reflexão para que o aluno seja capaz de pensar, discutir, formar sua própria opinião e ter condições de vivenciar sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

Ao serem perguntados sobre sua formação acadêmica (figura 3), os docentes responderam que 77% deles têm especialização e que 23% têm somente a graduação. É possível verificar que os professores precisam se qualificar mais para o exercício da profissão, principalmente sobre estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino contextualizado da educação sexual conforme os temas transversais.

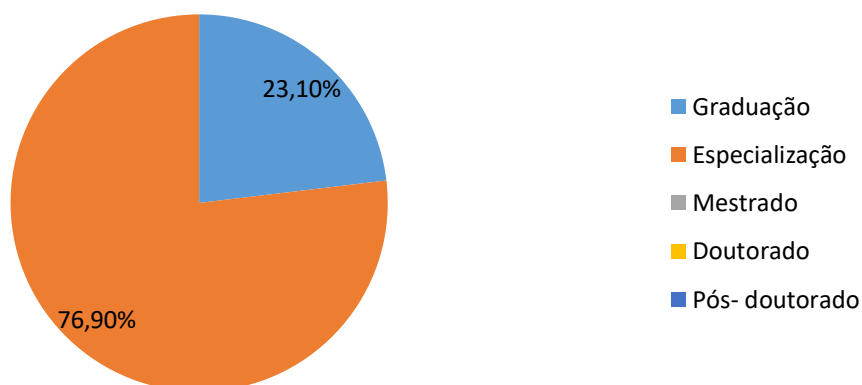


Figura 3 – Formação acadêmica e profissional

A formação continuada, por exemplo, tem ganhado cada vez mais relevância dentro da área pedagógica, isso ocorre devido sua grande importância para os professores, em todas as áreas, porque conforme os docentes ficam mais qualificados e atualizados para que possa trabalhar com os seus alunos, melhor será seu desempenho em lidar com as dificuldades que estão diariamente presente na sala de aula e trabalhar determinadas temáticas e conteúdo, como a educação sexual.

Verificou-se que a maioria dos professores (54%) são servidores públicos concursados, 31% são servidores públicos contratados/comissionados e aproximadamente 15% deles são professores os professores com contrato por tempo indeterminado, ou seja, atuam na iniciativa privada (figura 4).

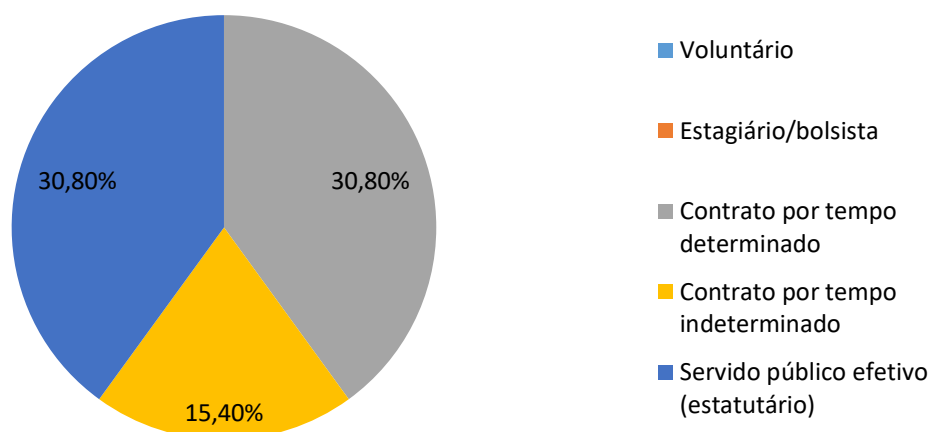


Figura 4 – Relação de Emprego

Uma questão importante a ser mencionada é o fato da instabilidade do vínculo empregatício poder gerar medo por parte do professor em se trabalhar questões polêmicas ou tabus sociais, pois isso coloca o docente em uma situação insegurança quanto a sua relação de emprego dentro das instituições de ensino, conforme Vieira (2017).

A figura 5 exibe a porcentagem de professores que possuem capacitação na área de educação sexual. Observou-se que aproximadamente 70% dos professores não têm capacitação específica para trabalhar esse conteúdo em sala de aula.

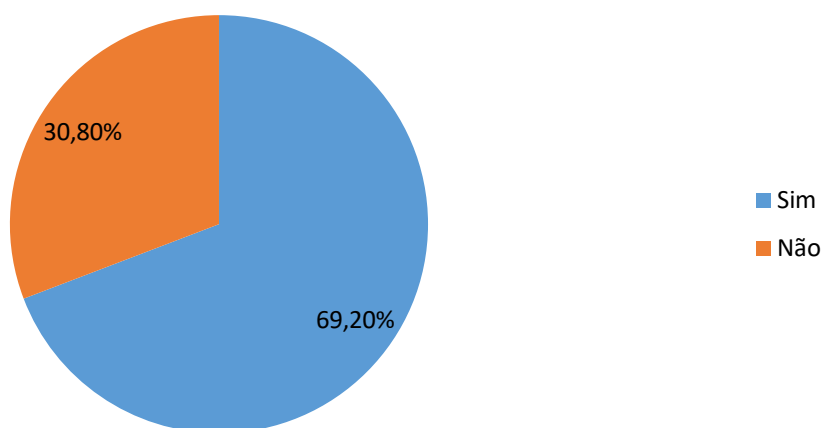


Figura 5 - Capacitação na área de educação sexual escolar

Dessa maneira, conforme Vieira (2017), é possível verificar a necessidade de uma formação continuada para esses profissionais, tendo em vista que é preciso que eles acreditem que a educação é o principal caminho para transformação, e que além de uma primeira formação é preciso estar se atualizando em meio às transformações do contexto em que se está inserido.

Os professores precisam estar conscientes de seu papel social e assim ajudar os discentes a entenderem a sociedade em que vivem e suas adversidades, permitindo uma visão crítica dos problemas que vão surgindo ao longo da vida, ajudando-os a resolver conflitos que possam surgir em seu cotidiano. Assim, é preciso haver uma transformação no espaço no qual se trabalha, exigindo conhecimentos e métodos viáveis no qual leve os alunos não apenas reproduzir, mas construir conhecimentos de forma crítica.

Quando perguntados se já fizeram curso de capacitação sobre a temática sexualidade (figura 6), 50% dos professores responderam que realizaram cursos diversos relacionados a educação sexual, dos quais 25% afirmaram que realizaram cursos com temáticas relacionadas sobre formação educação sexual agregada aos conteúdos já programados a serem discutidos dentro do currículo escolar. Os outros 25% realizaram cursos relativos à capacitação sobre educação sexual na semana de combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Essas capacitações, apesar de rápidas, fomentam a importância de se trabalhar essa temática dentro da escola, além de melhorar as abordagens e métodos dentro da sala de aula.

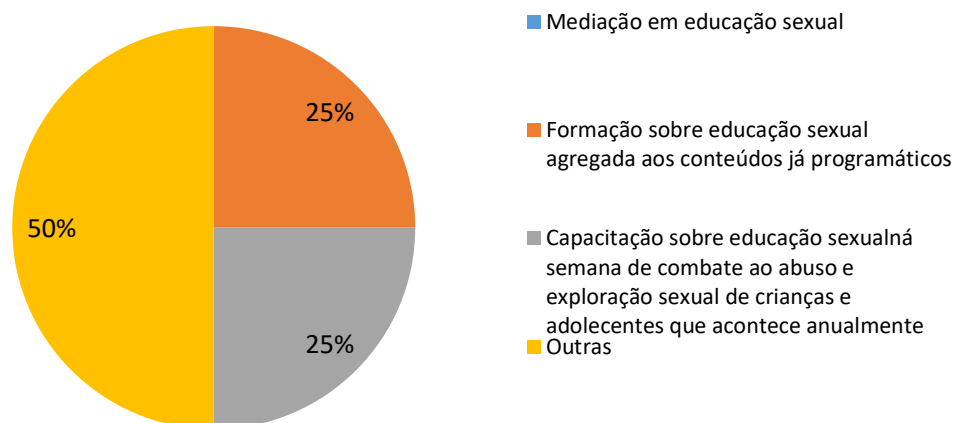


Figura 6 – Cursos realizados

Quanto ao período de formação realizado por esses professores (figura 7), verifica-se que 75% deles realizaram capacitação de até 3 dias e somente 25% deles realizaram formação durante um período de até 15 dias. Com essas informações é possível constatar que é necessário que existam cursos e formações com uma abordagem mais ampla da temática, tendo em vista que é um assunto que requer muita atenção e é vital para a formação física e mental do ser humano.

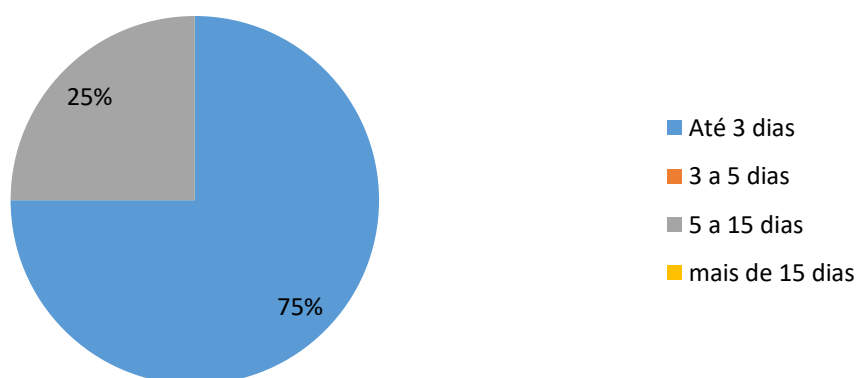


Figura 7 – Período de Capacitação

Um exemplo que comprova a necessidade de uma abordagem mais ampla da educação sexual com professores e alunos é o fato da OMS (Organização Mundial da Saúde) divulgar um relatório que mostra que o Brasil tem gravidez acima da média latino-americana quando se trata de mães jovens. O levantamento indicou que a cada mil garotas, a taxa é de 68,4 que se tornam mães antes dos 20 anos.

Conforme Queiroz (2017) a capacitação é necessária, pois a educação sexual é o inverso da erotização da criança. Ela tem a finalidade de levar informação e

conhecimento sobre tudo o que diz respeito ao corpo, para que as pessoas entendam de onde vieram.

Quando questionados sobre como avaliam os conteúdos programáticos do material didático relacionado a temática da educação sexual adotado na disciplina de ciências (figura 8), 54% dos professores afirmaram que o material didático aborda de forma mediana a temática em questão no livro de ciências e 46% dos docentes acreditam que o material disposto apresenta todos os conteúdos principais.

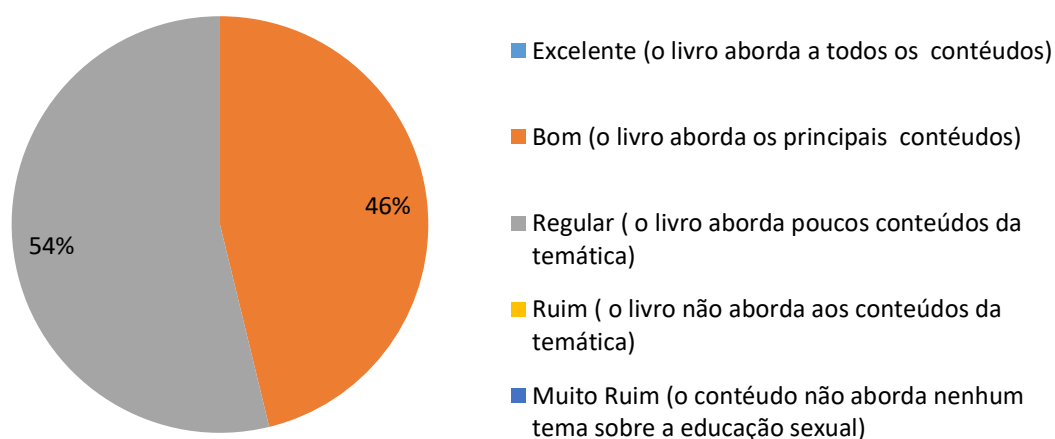


Figura 8 – Conteúdos programáticos do material didático

Esses resultados demonstram que o material poderia e precisa ser mais completo ao se trabalhar a educação sexual na escola. Um ponto relevante a ser observado nessa questão é que nenhum dos entrevistados está totalmente satisfeito com o material didático a ser trabalhado com os alunos.

E apesar da escola não trabalhar com uma maior amplitude a questão da educação sexual em sala de aula, ela ainda traz e trabalha determinadas questões que são norteadores para todo esse processo de desenvolvimento físico e mental do estudante. Conteúdos como gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e exploração sexual infantil e o crescimento de IST precisam ser trabalhados ao longo de todo o ano letivo e não somente dentro de 3 semanas letivas conforme a sequência didática dos livros.

Os profissionais de educação costumam utilizar algumas metodologias como forma de trabalhar o tema sexualidade (figura 9). Verificaram-se na pesquisa que 54% dos docentes disseram que adotam debates, diálogos e rodas de conversa com os alunos; 23% disseram que utilizam das tecnologias da informação como vídeos e comunicação para repassarem os conteúdos. Aproximadamente 15% dos docentes

entrevistados adotam projetos e atividades que envolvam os alunos, quanto a temática abordada com o objetivo de conscientizar os jovens sobre a gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis. Apenas 8% utilizam a ludicidade para falar sobre o tema.

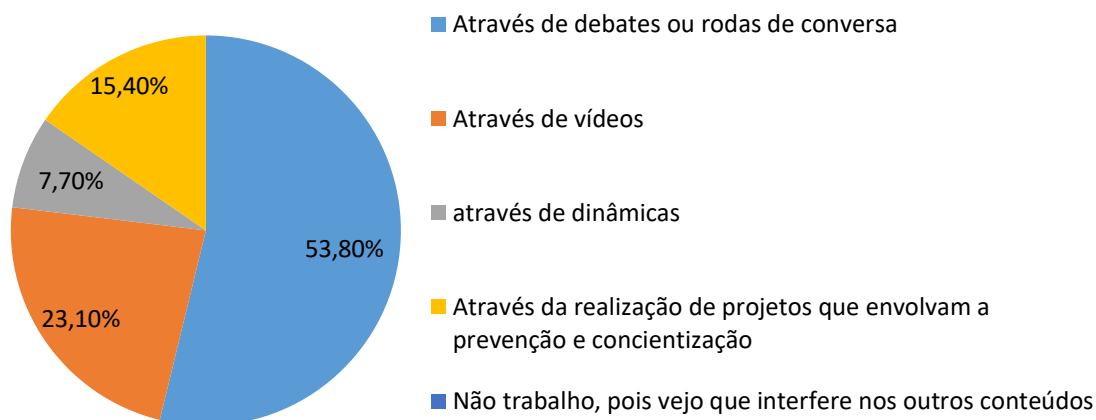


Figura 9 – Metodologia de ensino adotada

O tipo de metodologia utilizada pelo professor é de suma importância para que os alunos se engajem, participem e se sintam à vontade para tirar suas dúvidas e colaborar com a aula. Em um mundo tão informatizado e globalizado em que o uso das tecnologias da informação pode ser uma grande aliada para se trabalhar educação sexual em sala de aula, conforme Santos (2011).

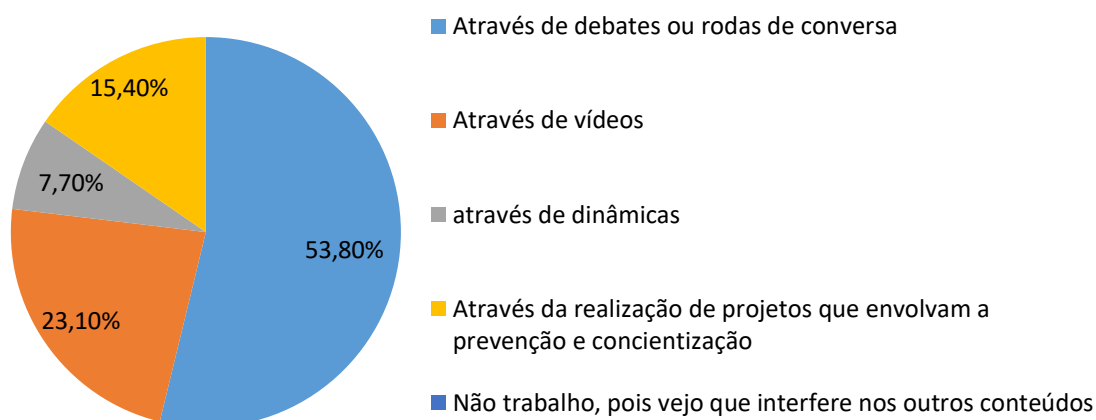


Figura 9 – Metodologia de ensino adotada

De acordo com o planejamento escolar adotado pelo docente e temas transversais que costuma abordar na sala de aula (gráfico 10), observou-se que 54%

dos professores entrevistados informaram que abordam frequentemente temas sobre sexualidade, pois acreditam que é uma forma de agregar mais conhecimento e assim fazer a prevenção e conscientização dos jovens. Aproximadamente 39% informaram que abordam a temática sempre quando estão relacionados aos conceitos biológicos; cerca de 8% trabalha de forma mínima os conteúdos, somente quando o tema surge em sala de aula.

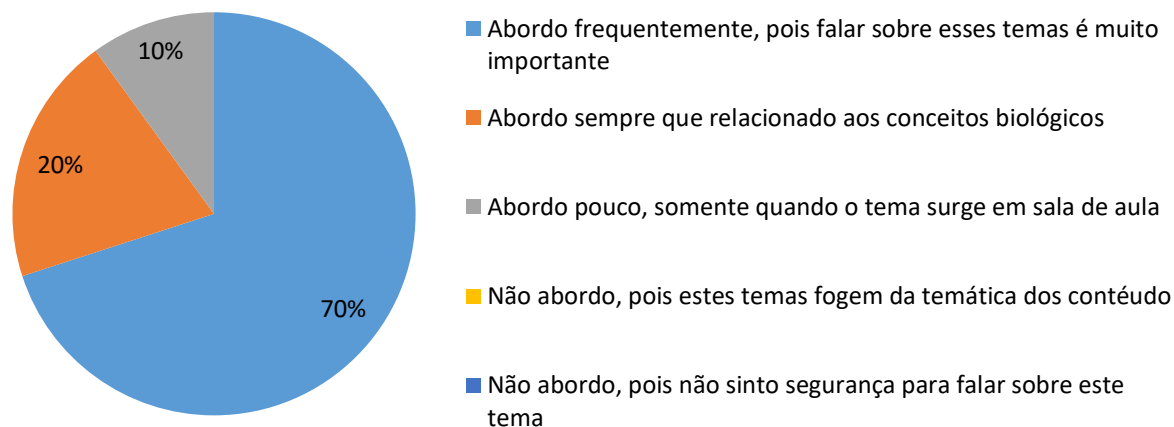


Figura 10 – Trabalho docente

Refletindo sobre o que essas porcentagens refletem sobre os índices de gravidez na adolescência, abortos, IST, abusos e outros problemas do tipo presentes no Brasil e mundo, pode-se perceber que isso muitas vezes ocorre ainda por causa do reflexo dos tabus relacionados à sexualidade, os quais são baseados na falta de conhecimento e de oportunidades para discutir sobre seus questionamentos relacionados à educação sexual na escola, conforme Bretas (2011).

Baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), os docentes foram indagados se realizam metas e planos de ação para atingir o aprendizado relativo à educação sexual (figura 11). Verificou-se que aproximadamente 46% dos professores de ciências informaram que realizam seus planos e metas sobre o tema de forma integrada a conteúdo; 23% informaram que realizam esse planejamento de forma separada do conteúdo programático; cerca de 15% inferem seus planos e metas apenas na semana de combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes; e, por fim, aproximadamente 15% informaram que realizam e efetuam seus planejamentos com por meio de palestras.

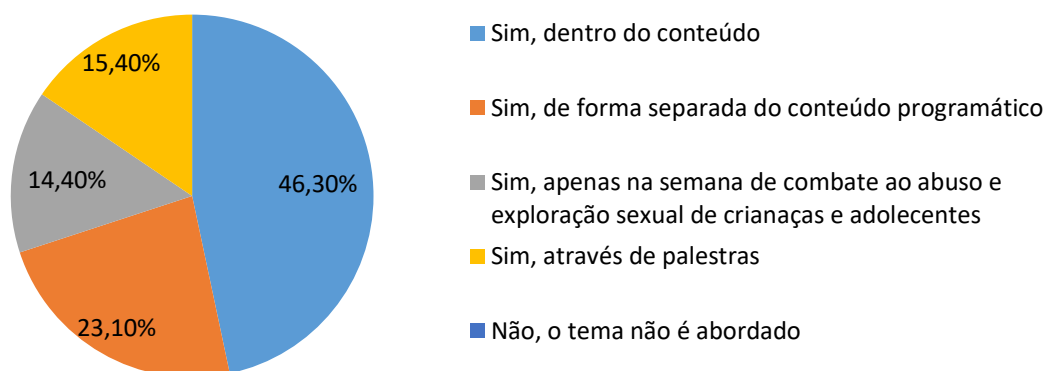


Figura 11 – Metas e planos a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Para se compreender esses resultados é importante frisar que sobre a sexualidade trabalhada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, os valores e as crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de autorreferência por meio da reflexão. No entanto, como a abordagem do tema constitui um processo formal e sistematizado que ocorre na escola, é primordial que haja um planejamento minucioso por parte dos educadores, o que infelizmente aparenta não ocorrer a partir das respostas em destaque.

O conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é importante para nortear o ensinamento da temática sexualidade em sala de aula uma vez que ele serviu de norte para os fundamentos legais do Plano Nacional de Educação (PNE), conforme Santos (2019).

Acerca do ECA os professores foram indagados sobre quanto ao conhecimento e uso desse estatuto dentro do âmbito educacional (figura 12). Cerca de 61% dos professores informaram que conhecem pouco sobre o estatuto e sua relação com a educação, assim como praticam de forma mediana, pois não houve acesso e capacitação que os permitisse fazer uso de forma mais aprofundada e ampla. Já cerca de 38% informaram que conhecem muito e praticam, pois, é uma forma de garantir os deveres dos professores e direitos dos alunos de forma a promover o ensino de qualidade.

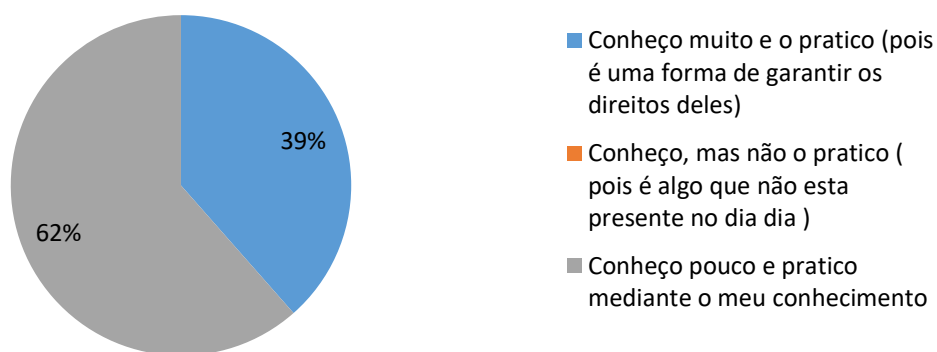


Figura 12 – Estatuto da Criança e do Adolescente no âmbito educacional

A falta de conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente compromete o ensino da temática sexualidade dentro da sala de aula, por que um dos princípios norteadores do documento é garantir o direito de uma educação de qualidade que contemple o desenvolvimento físico, cognitivo e social de crianças e jovens, conforme Bretas (2011).

Os docentes foram questionados sobre como põe em prática o ensino de educação sexual (figura 13). Nesse contexto, cerca de 61% dos professores ocasionalmente elaboram algo que promovam a discussão da temática na sala de aula ou realiza algum evento, e cerca de 38% do corpo docente promove algum plano de ação ou evento para a discussão da temática dentro da escola.

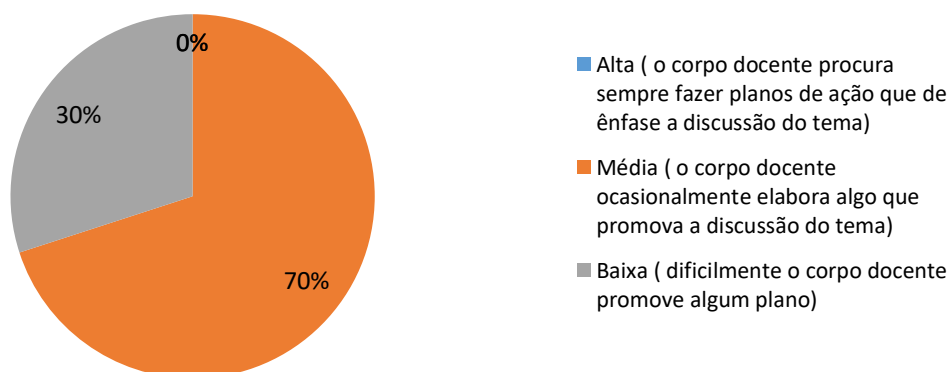


Figura 13 – Prática docente voltada para educação sexual

De forma ampla, conforme Vieira (2017), o termo educação sexual descreve todo o processo educativo de um indivíduo acerca da percepção e aquisição de experiências, conceitos e valores sobre a prática sexual, a sexualidade e as questões de gênero. Por meio dessa geral conceitualização, ver-se que essa temática necessita

de um grande empenho dos professores e gestores escolares em desenvolverem o assunto da forma adequada, e como se pode observar nas respostas não é o que acontece dentro do âmbito escolar pedro-segundense. Isso só demonstra que os profissionais da educação ainda não compreenderam a real dimensão da importância desse tema para a realidade nacional.

Os professores foram questionados sobre como julgam seu preparo em falar sobre educação sexual com alunos (Figura 14). Cerca de 46% dos professores se sentem muito preparados ao abordar a temática, pois sentem segurança ao falar ou sanar alguma dúvida dos alunos; Cerca de 38% se sentem preparados, pois quando é solicitado ou quando o tema entra em discussão na aula não sentem dificuldades; e aproximadamente 15% se sentem inseguros para falar sobre o tema, conforme Santos (2019).

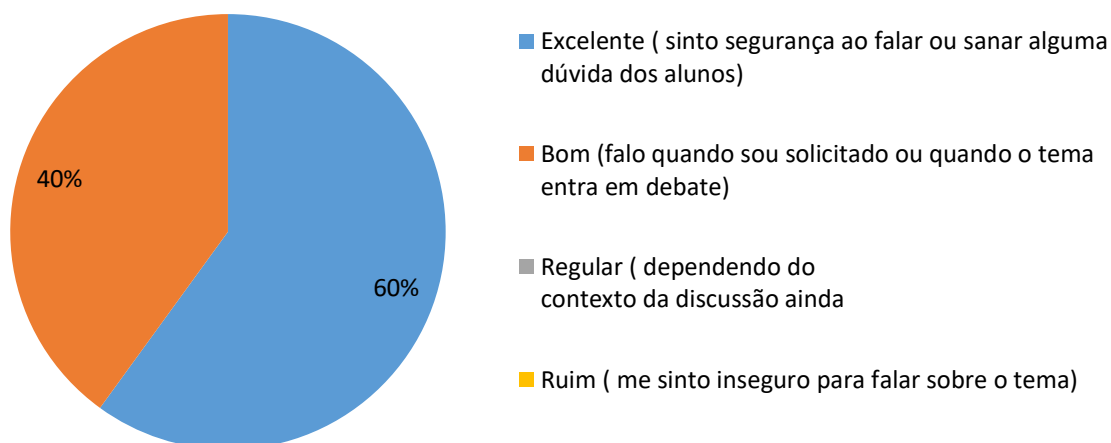


Figura 14 - Domínio de conteúdo

Baseado na habilidade do docente de trabalhar o tema sexualidade e na relação mantida com os alunos, eles foram questionados sobre a frequência com que os alunos os procuram para orientação ou tirar dúvidas sobre educação sexual (figura 15).

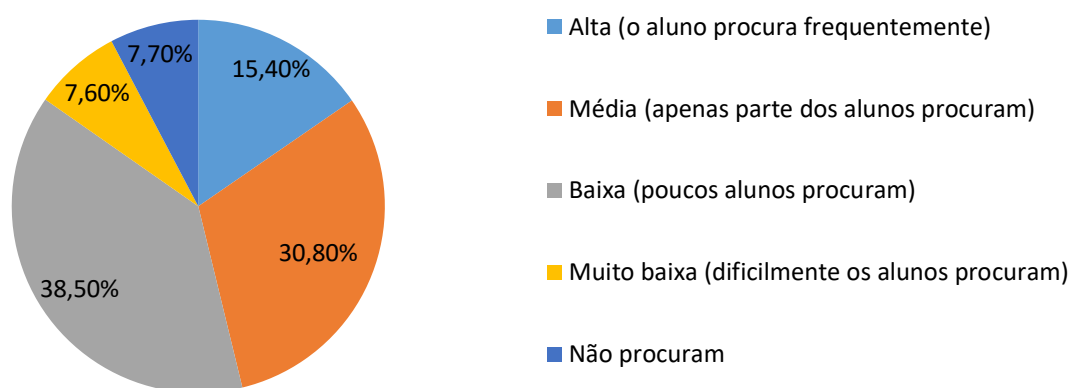


Figura 15 – Busca por orientação

Nesse contexto, cerca de 38% dos professores afirmaram que a procura é baixa, pois poucos alunos procuram para falar sobre assuntos relacionados ao tema; cerca de 30,8% dos docentes informaram que a busca de orientações é média, pois apenas parte dos alunos os procuram; cerca de 8% relataram a procura é muito baixa, pois dificilmente alunos buscam por orientações relativas à educação sexual; e cerca de 7, 7% dos professores informaram ainda que nenhum aluno o procura.

A abordagem da temática de forma superficial, o despreparo do docente, a falta de apoio institucional e familiar para com o professor ou, até mesmo, a permanência de estigmatização da sexualidade entre muitas outras causas podem explicar essa baixa procura por orientação por parte dos discentes. Assim, tudo isso pode aumentar a falta de diálogo e debate relacionada a sexualidade, o que por consequência pode representar em uma desinformação e aumento dos problemas a gravidez na adolescência, abusos, abortos, IST e muitas outras problemáticas, conforme Bretas (2011).

Quando perguntados sobre as maiores dificuldades que o docente enfrenta ao abordar o tema de educação sexual com seus alunos (figura 16), verificou-se que Cerca de 46% dos profissionais relataram falta de apoio da equipe pedagógica escolar; cerca de 23% relataram falta de capacitação suficiente.

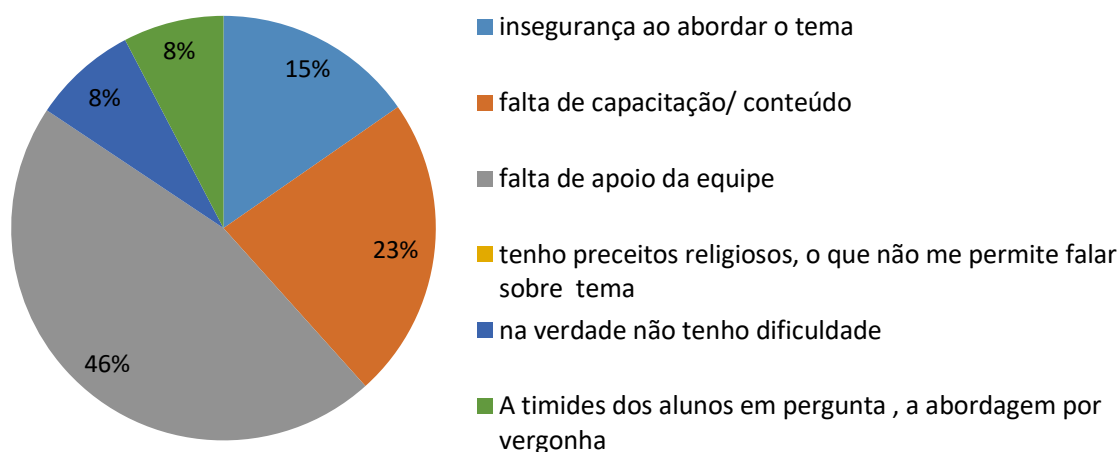


Figura 16 - Dificuldades ao se abordar o tema

Nesse contexto, sabe-se que a equipe pedagógica deve acompanhar todo o processo, realizar reuniões com os professores sobre práticas pedagógicas, orientar no planejamento das aulas, discutir critérios e instrumentos de avaliação, ou seja, é fundamental importância a sua participação para se trabalhar temáticas como essa, conforme Cunha (2016).

Do mesmo modo, aproximadamente 15% destacaram a insegurança ao abordar a educação sexual na sala de aula; em média 8% dos docentes relataram que não sentem dificuldade alguma e, por fim, cerca de 7,7% informaram que a timidez dos alunos em perguntar dificulta a abordagem, que sua vez ocorre de forma expositiva, em que o professor explica os tópicos referentes ao assunto sem muito diálogo por parte dos alunos.

Além do papel da escola da formação do conhecimento sobre sexualidade foi ainda perguntado aos docentes sobre a relação da família com a escola, onde verificou-se como os responsáveis encaram o ensino desse tema em sala de aula e como eles contribuem para o ensino dessa temática (figura 17).

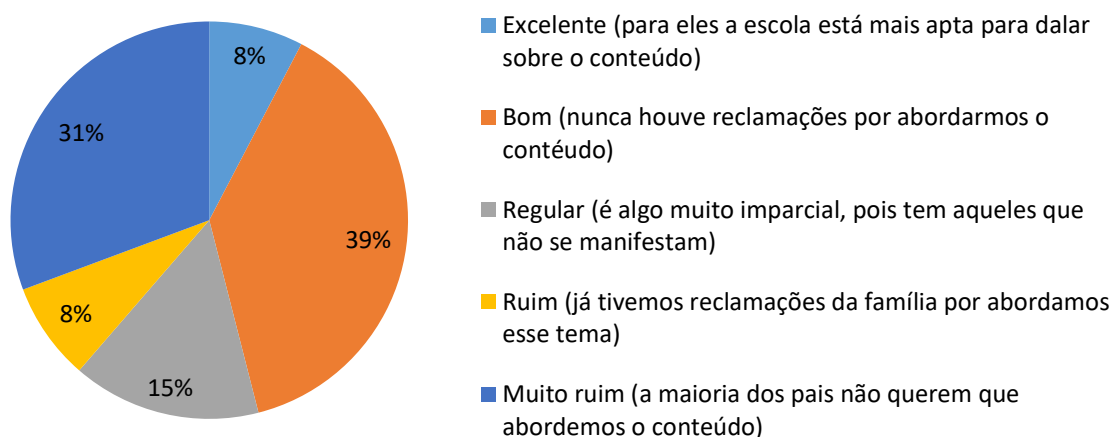


Figura 17 - Família e escola

Nesse contexto, cerca de 39% dos professores que responderam ao questionário relataram que existe uma boa relação com as famílias dos alunos, pois nunca houve reclamações em relação a abordagem do tema; cerca de 31% dos professores que responderam a entrevista relataram uma relação ruim, pois os pais não querem que a educação sexual seja trabalhada em sala de aula.

A relação entre família e escola influencia diretamente no ensino do tema sexualidade, pois muitas vezes as famílias exigem que seus membros se comportem sob determinados valores ou regras, exige-se e projeta-se no outro um espelho ou modo que não é típico a sua identidade ou personalidade, e se sabe que não pode ser assim, pois educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus, conforme Santos (2019).

Continuando a análise de dados, cerca de 15% dos docentes relataram uma situação regular, pois é algo muito imparcial, tendo em vista que alguns pais aprovam o conteúdo ser trabalhado em sala de aula e existem uma outra parte que não aprova, pois acham é um incentivo à prática sexual; existem ainda os professores com média de 8% que acham ruim, pois a família já interviu e não gostou da temática ser trabalhada em sala de aula, além dos 7% de professores que acham uma relação excelente, pois acreditam que a escola está mais apta a falar sobre educação sexual.

Além de fazer um perfil dos professores e da família, realizou-se um levantamento do perfil dos alunos que costuma buscar orientação e tirar dúvidas com o professor (a) sobre educação sexual (figura 18). Da totalidade de 100% dos entrevistados, cerca de 38% dos professores informaram que as meninas buscam

com maior frequência tirar suas dúvidas ou pedir orientações, no contra passo, nenhum dos professores registrou que os meninos buscam sanar dúvidas ou pedir orientações.

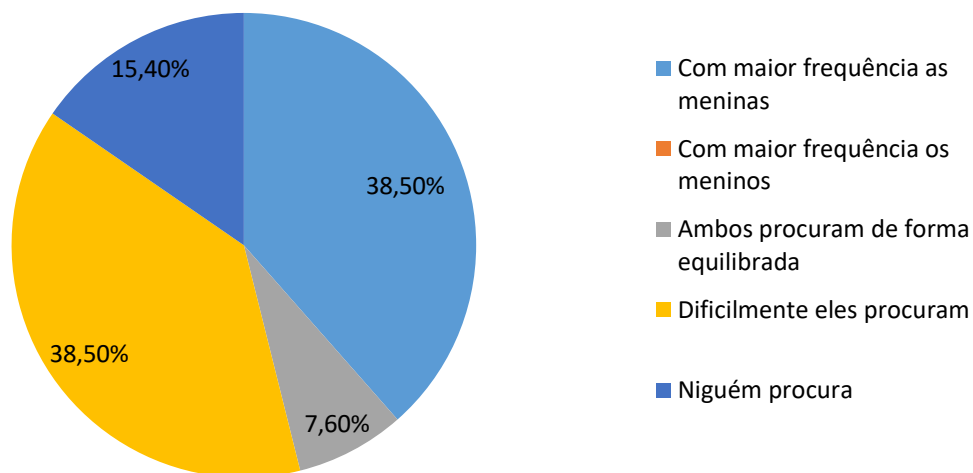


Figura 18 – Perfil dos alunos

Dentre os entrevistados, houve um grupo de professores, cerca de 38%, que respondeu que dificilmente os alunos (meninos e meninas) procuram tirar dúvidas, e o mais agravante está, ainda que seja uma margem menor, que cerca de 15%, dos entrevistados relataram que em nenhum momento de suas aulas nenhuns alunos buscaram tirar dúvidas ou pedir orientações. Assim, verifica-se que os alunos não se sentem à-vontade para tirar dúvidas ou pedir orientações para os professores, ou pode-se analisar também sob o viés que a temática foi abordada de forma equivocada ou supérflua não gerando a real necessidade de diálogo e debate que se deve ter sobre a educação sexual durante as aulas de ciências, conforme Cunha (2016).

Verificou-se ainda que a maioria dos alunos que procuram informações acerca de sexualidade com o professor (a) tem em média de 10 a 15 anos (cerca de 46%), ou seja, estão saindo da infância e entrando na adolescência (figura 19), isso ocorre devido intensas e rápidas as mudanças corporais e psicológicas ocorridas nesse período, e essas mudanças geram muitas dúvidas, por isso dentre os alunos que ainda fazem perguntas ou pedem orientação a sua maioria está nessa faixa etária.

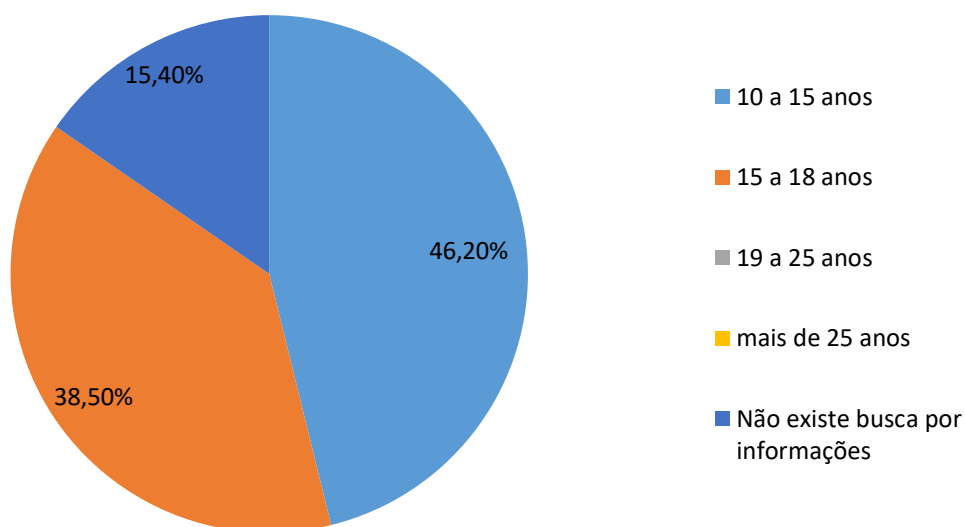


Figura 19 – Faixa etária dos alunos

As aulas educação sexual deve abordar a sexualidade e abranger a saúde reprodutiva, as relações de gênero, as relações interpessoais, o prazer corporal e a autoestima, uma vez que isso tem uma dimensão muito grande para aquele adolescente que realmente está precisando dessas informações e orientações, conforme Santos (2019).

Aproximadamente 38% dos alunos, conforme as respostas dos professores, tem em média de 15 a 18 anos, ou seja, estão se preparando para adentrar na fase adulta, e aproximadamente 15% dos docentes responderam que não têm alunos os procurando para tirar dúvidas ou pedir orientações acerca da temática em questão.

5 CONCLUSÃO

Assim, conclui-se que mesmo não sendo trabalhada e abordada como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação sexual deve ser implantada e ultrapassar os conteúdos programáticos. Sua abordagem deve ser ampla, completa e contextualizada com as demais áreas do ensino.

Os professores de ciências, precisam estar capacitados e se sentindo aptos a trabalharem essas questões com os alunos, pois como já se sabe, a sexualidade é inerente ao ser humano, e sua abordagem reflete a própria essência da vida em seus campos mais completos.

Considerando os problemas relacionados à sexualidade, e tendo a consciência de que qualquer pessoa está sujeita a contrair uma IST, a escola tem seu papel de educar, direcionar e informar tem que trabalhar a temática em sala de aula, fazendo com que desde cedo as crianças lidem com a sexualidade naturalmente, sem criar conceitos ilusórios.

Assim, do mesmo modo, a família ainda é o melhor ambiente para se dialogar e construir pessoas éticas, capazes e conscientes sobre si e sobre a sociedade, e ninguém faz isso sem se conhecer por dentro e por fora, pois é isso que se busca dentro dos estudos de sexualidade, o conhecimento e a felicidade de si próprio.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, A. *et al.*, **Diferenças na Educação: do Preconceito ao Reconhecimento**. Revista teias, vol. 16, nº. 40, p. 28-41, 2015.
- BARBOSA, F. K. *et al.*, **A Discriminação e o Preconceito: é Possível uma Sociedade Inclusiva?** Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, vol. 40, nº. 2, p. 341-312, 2014.
- BARCELOS, N. N. S. *et al.*, **Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia**. Revista electronica de Enseñanza de las Ciencias. Uberlândia. Vol. 10, nº 2, p. 334-345, 2011.
- BECKER, C.M. **A educação sexual e a sexualidade de adolescentes na visão de educadores do ensino médio**. Porto Alegre.2011.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa**. Brasília: MECSEF, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos: Matemática**. Brasília: MECSEF, 1998.
- BRETAS, J.R. *et al.*, **Aspectos da sexualidade na adolescência**. Cienc. Saúde coletiva [online]. 2011, vol.16, n.7, pp.3221-3228. ISSN 1413-8123. Disponível em: <[http:// dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021](http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021)>. Acesso em: 10 de dez de 2019.
- CAMPOS, A.A. *et al.*, **Implicações da sexualidade e produção no adolescer saudável**. Revista da rede de enfermagem do nordeste. Fortaleza. Vol. 13, nº. 2, p. 437-444, 2012.
- CUNHA, L. F. *et al.*, **A Sexualidade Como Tema Mediador no Processo de Ensino-Aprendizagem de Biologia**. Revista Cultural e Científica do Unifacex, vol. 14, nº. 1, 2016. Disponível em: <periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/691> Acesso em: 13 de dez de 2019.
- CRUZ, E.P. *et al.*, **Diálogos Sobre Sexualidade no Ensino Fundamental: Construindo Conceitos e Tirando Duvidas de Alunos do 8º Ano de uma Escola Municipal em Santarém Pará, Brasil**. Scientia Plena, Pará, vol. 12, nº. 06, p. 1-11, 2016.
- FIGUEIREDO, M. C. O. *et al.*, **Orientação Sexual: vivencias de professores da rede pública de ensino e como esse tema transversal tem sido abordado**. Revista da SBEnBIO, nº. 7, P. 5349-5360, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIZZO, B. S. **Corpo, Gênero e sexualidade:** Articulações Possíveis Entre Pesquisas Acadêmicas e Escola. Revista Ensino de Ciências e Humanidade, ano 2, v, 2. nº. 2, p. 126-137, 2018.

HEILBORN, M. L. **Gravidez na Adolescência:** Considerações Preliminares Sobre as Condições Culturais de um Problema Social. Associação Saúde da Família, Rio de Janeiro, p. 32-32, 1998.

HOMES, C. *et. al.*, **Diversidade de Gênero e Sexualidade no Processo Formativo Docente.** Revista Insignare Scienta, vol. 2, nº. 1, p. 67-74, 2019.

IFIGHTDEPRESSION. **O que é a adolescência?** 2019. Disponível em:<ifightdepression.com/pt/para-os-jovens/o-que-e-a-adolescencia> Acesso em: 28 nov 2019.

MARTINS, G. **Porque a adolescência é uma fase tão difícil?** 2018. Disponível em:<super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-adolescencia-e-uma-fase-tao-dificil/> Acesso em: 28 nov 2019.

MOREIRA, B. L. R. **Educação sexual na escola:** implicações para a práxis dos adultos de referencia a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. Revista electronica de enseñanza de las ciencias. Pampa. vol. 10, nº. 1, p. 64-83, 2011.

NOTHAFT, S. C. DOS SANTOS. **Sexualidade do adolescente no discurso de educadores:** possibilidades para práticas educativas. Rev Min de Enferm. Santa Catarina. Vol. 18, nº. 2, p. 284-829, 2014.

PEREIRA, Z. M. *et. al.*, **Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil.** Ano 30, editora Unifui, nº. 95, p. 117-146, 2015.

PEREIRA, M.A. **Importância do Ensino de Ciências:** Aprendizagem significativa na superação do fracasso escolar. Paraná. 2008.

QUEIROZ V. D. D. *et. al.*, **Sexualidade na adolescência:** potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. Rev Fac Cienc Med Sorocaba, n. 19(4), p. 209-14, 2017.

QUIRINO, G. DA SILVA. *et. al.*, **Sexualidade e Educação Sexual na Percepção Docente.** Educar em revista, Curitiba, ed. UFPR, nº. 43, p. 205-224, 2012.

RODRIGUES, C.DE JESUS. *et. al.*, **Gênero e Aprendizagem Participativa Orientada para a Ação em Educação Sexual em Educação Moral e Religiosa Católica do 7º Ano de Escolaridade.** Educação para a sexualidade. 1º ed, p. 519-531, 2010.

SOUSA, B. L. C. M. *et. al.*, **Gênero e Ensino de Ciências:** Sensibilizações e Empatias (Re) Construídas entre estudantes em um projeto interdisciplinar. Ciências em Foco, Brasília, vol. 12, nº.1, p. 116-125, 2009.

SANTOS, A. M. G. *et. al.*, **Livros Didáticos de Biologia e Educação Sexual: Análise do Conteúdo**. Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências. Pernambuco. Disponível em: <
http://editorarealize.com.br/revista/conapesc/trabalhos/TRABALHO_EV126_MD4_SA7_ID2097_02072019000201.pdf>. Acesso em: 13 de dez de 2019.

VIEIRA, P. M. *et. al.*, **Modelos de Educação Sexual na Escola: Concepções e Práticas de professores do Ensino Fundamental da Rede Pública**. Revista brasileira de Educação, vol. 22, nº. 69, 2017. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0453.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

WEIZENMANN, L. T. *et. al.*, **Sexualidade Infantil: um Debate Pedagógico com Professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Unijuí, p. 1-16, 2006.

ZANCUL, M. *et. al.*, **A Formação de Licenciandos em Ciências Biológicas Para Trabalhar Temas de Educação em Saúde na Escola**. REMPEC-Ensino, Saúde e Ambiente. 4, p. 49-61, 2011.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

1 - Qual sua idade?

2 - Qual o seu sexo?

3 - Qual sua formação (titulação mais alta) na área de ciências?

4 - Na instituição de ensino onde leciona, qual o seu vínculo empregatício?

5 - Nos últimos cinco anos realizou algum curso de aperfeiçoamento/capacitação na área de educação sexual no contexto escolar?

6 - Caso a resposta anterior tenha sido sim, indique qual dos cursos mais se adequa ao que você fez?

7 - Qual o tempo de duração da sua capacitação?

8 - Como você avalia os conteúdos programáticos do livro base adotado na disciplina de ciências em relação à temática educação sexual?

9 - Fora do conteúdo biológico, como você trabalha o ensino de educação sexual no contexto programático do ensino de ciências?

10 - Sobre as IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e mudanças corporais durante a puberdade, como você aborda esses temas em sala de aula.

11 - Em relação aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sabemos que dentro dele a sexualidade é trabalhada como tema transversal, nesse sentido os professores realizam metas e planos de ação para o aprendizado em relação à educação sexual?

12 - O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é um dos fundamentos legais do Plano Nacional de Educação (PNE), desse modo deve servir de referência na educação. O quanto você o conhece e o pratica dentro do âmbito educacional?

13 - Com que frequência o corpo docente na(s) escola(s) no qual você trabalha incentiva ao ensino de educação sexual, fazendo planos de ação e promoção de eventos que abordem essa temática?

14 - Em sala de aula como você julga seu preparo para falar sobre educação sexual com seus alunos?

15 - Com que frequência os alunos buscam orientação dos professores sobre educação sexual?

16 - Quais as maiores dificuldades que você encontra ao abordar o tema de educação sexual com seus alunos?

17 - Na sua concepção, como é a relação da família com a escola e com os professores quando os mesmos abordam temas de educação sexual com os filhos?

18 - Quem frequentemente procura os professores para saber informações e tirar dúvidas sobre educação sexual?

19 - Qual a faixa etária dos alunos que buscam informações sobre sexualidade?

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TESE, DISSERTAÇÃO
OU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

• Identificação do tipo de documento

() Tese () Trabalho de conclusão de curso de especialização

() Dissertação (X) Trabalho de conclusão de curso superior

Nome do autor: Yale de Fátima Medeiros Nascimento

RG: 3.483.815 CPF: 059.508.873-28

E-mail: yalefatima@gmail.com Nacionalidade: Brasileira

Fone: (86) 98132-6440

Título do documento: Sexualidade na Adolescência: dificuldades
dos professores de Ciências em escolas públicas e privadas
do município de Pedro II. Ciências Biológicas

Na qualidade de autor/editor do conteúdo supracitado, autorizo o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia a disponibilizá-lo em seus repositórios, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported por mim declarada, sob a condição de que não seja feito uso comercial nem modificações no trabalho publicado. Afirmando que o conteúdo da obra foi visto por pares e/ou colegiados. A obra continua protegida por direito autoral e/ou por outras leis aplicáveis. É proibido qualquer uso da obra que não esteja autorizado por esta licença ou pela legislação autoral.

Yale de Fátima Medeiros Nascimento
Assinatura do autor ou editor

Pedro II - PI
Local

17/05/2021
Data